



HEINRICH SCHLIEMANN

1822 – 1890

LUZ DA REENCARNAÇÃO SOBRE A ARQUEOLOGIA

Aos sete anos de idade o garoto Schliemann disse para seu pai que Tróia tinha realmente existido e quando crescesse a descobriria. O pai, muito pobre e humilde, sorria.

Muito do conhecimento que se tem sobre a Grécia Antiga vem do historiador Homero. Seis poemas épicos, a Ilíada e a Odisséia, escritos entre os séculos X e VIII A.C., estão ligados à história de Tróia, de Micenas e de Tirinto.

Desde o século II A.C., os historiadores avaliavam a possibilidade de ficção nessas obras de Homero. Poucos acreditavam na realidade dos acontecimentos descritos pelo antigo historiador grego.

Muitos tinham dúvida até sobre a existência de Homero, acreditando que o seu relato era equiparado ao das antigas canções épicas, até mesmo relegado à condição de conto mitológico ou lendário.

Havia sido a guerra de Tróia um acontecimento real? Teriam mesmo existido os heróis Aquiles, Heitor e Enéias?

Todo esse mistério em torno de Homero teria de ser esclarecido, os enigmas dos textos deveriam ser conhecidos.

A Espiritualidade Maior permitiu que a civilização antiga e misteriosa, cantada por Homero, pudesse reviver, através da reencarnação de alguém profundamente ligado à Grécia Antiga, trazendo novamente ao plano terrestre uma individualidade que deu vida a algum personagem homérico.

Surge em 6 de janeiro de 1822, em Mecklemburgo, na Alemanha, Heinrich Schliemann, filho de um pastor protestante, reencarnando em um lar muito pobre e humilde.

Aos sete anos de idade, vendo uma gravura, representando o ataque grego aos muros fortificados de Tróia, Schliemann ouviu de seu pai que ninguém sabia da veracidade do fato. Circunspecto, afirmou que, quando crescesse, descobriria Tróia. O pai sorria.

Aos 10 anos de idade, ofereceu ao seu genitor uma redação sobre os principais fatos relacionados à guerra de Tróia, descrevendo as aventuras de Ulisses e Agamenon.

Aos 14 anos de idade, foi trabalhar no comércio, em uma loja de secos e molhados. Lá, certo dia, deparou-se com um homem embriagado que, muito entusiasmado, recitava versos, deixando Schliemann extasiado, embora nada compreendesse então. Quando foi informado de que se tratava de versos da Ilíada, de Homero, pagou ao ébrio para que os repetisse.

Por que tanta atração em relação a Homero e seus poemas? Por que Schliemann dispensava tamanho interesse a tudo que se relacionava com os tempos homéricos? Por que tanta determinação em conhecer tudo que se relacionava com A Grécia Antiga?

Somente a doutrina da reencarnação poderia iluminar todos os caminhos sombrios da dúvida e da incerteza, trazendo o esclarecimento necessário de que Schliemann veio ao mun-

do com a sublime e importante missão de comprovar que as cidades homéricas não eram criações da fantasia e fazer de Homero um personagem verdadeiramente histórico.

Aos 22 anos, sendo guarda-livros de uma firma que tinha relações comerciais com a Rússia, iniciou o estudo do idioma russo. Uma estranha “coincidência” aconteceu; veio para em suas mãos uma tradução em russo de “Telêmaco”. Emocionado, lia em voz alta, em russo, a história do filho de Ulisses e Penélope, que partiu à procura do pai, desaparecido desde o cerco de Tróia, encontrando-o em Ítaca.

De início nada entendia do que estava declamando, porém, o fato de ser possuidor de uma obra tão importante, ao ponto de poder fazer ressurgir Homero em sua própria boca, lhe deixava tão extasiado que contratou um ouvinte para ouvi-lo em sua lata e ruidosa declamação dos poemas homéricos.

Teria sido mesmo coincidência, fruto do acaso, chegar-lhe às mãos uma obra de Homero, traduzida para o russo?

Sabemos que o plano espiritual atua sobre nós em grande intensidade e, certamente, sob a influência de amigos extrafísicos, Schliemann passou por momentos importantes quando sua individualidade rememorava os fatos acontecidos na Grécia Antiga.

Devido ao sucesso dos empreendimentos comerciais, Schliemann era portador de grande fortuna e, para seguir o sonho de toda a sua vida, abandonou seus negócios e partiu, em 1868, com 46 anos de idade, para Ítaca.

Seu primeiro contato com um ferrador de cavalos de Ítaca foi entusiasmador. Este lhe apresentou sua mulher, como o nome de Penélope, e seus filhos como Odisseu e Telêmaco.

Mais tarde, Schliemann, emocionado, declama para os descendentes daquele povo de antanho, na própria língua grega, o Canto XXIII da Odisséia. Aquele estrangeiro lia com lágrimas nos olhos os poemas de Homero e com ele todos choravam!

Naquele momento, nas profundezas de seu espírito imortal, algo de espetacular acontecia. Schliemann, certamente, relembra que, o que ali se passava, já tinha sido vivenciado por ele em vida pretérita.

Seria a individualidade que deu vida ao personagem Homero que retornava à vida física? Teria Homero nascido de novo com o compromisso de atestar a veracidade de sua existência e impor, ao que era imaginativo, a realidade?

Baseado na hipótese de Tróia ter realmente existido, alguns estudiosos relatavam ser a aldeia de Bunarbashi o local provável onde a cidade homérica estaria situada. Schliemann, com a Ilíada nas mãos, contestou, logo no primeiro olhar, que aquele lugar não poderia albergar, em suas entranhas, a cidade de Tróia. Não estava de acordo com os acontecimentos relatados por Homero.

Ao vislumbrar a bela colina de Hissarlik, localizada ao norte de Bunarbashi, Schliemann não tinha dúvidas. Lá estaria a tão procurada e sonhada cidade.

Em 1870 iniciou a escavação nesse monte e descobriu nove cidades subterrâneas, estando Tróia situada na sexta camada a contar de baixo. O que se pensava ser ficção era realidade. Naquele momento, Homero se consagrava como um verdadeiro historiador. A descoberta de Tróia provava ao mundo que os acontecimentos relatados por Homero não eram especulações imaginativas do autor.

Schliemann, com seu idealismo, arrancava das profundezas do solo a verdade à respeito do poeta grego.

Em Hissarlik desenterra um tesouro valiosíssimo, pertencente a um rei mil anos mais antigo do que Príamo, constituído de jóias, objetos de ouro, prata e pedras preciosas.

Schliemann vive um momento de grande emoção, quando coloca em sua jovem esposa grega, Sofia, um par de brincos e um colar, jóias de três mil anos, exclamando: “Helena!”.

No ardor de ressuscitar Homero, Schliemann dá o segundo passo à procura do mundo homérico. Volta a sua atenção para Micenas, cidade natal do rei Agamenon, onde descobre, em 1876, nove túmulos, contendo ossos ornados de braceletes e jóias de ouro. Enterrado com eles um tesouro de grande valor. Eram sepulturas de nobres que viveram quatrocentos anos antes de Agamenon.

Em Tirinto, em 1884, Schliemann cavou e trouxe novamente à luz, um palácio, onde os heróis de Homero certamente viveram momentos emocionantes.

Com sua pá, impulsionada pela vontade férrea de provar algo que trazia nos refolhos mais íntimos do seu espírito, Schliemann permite legitimizar muitas das descrições de locais, casas e palácios, citadas nos poemas homéricos.

Em 26 de dezembro de 1890, com 68 anos de idade, o afamado arqueólogo volta à Pátria Espiritual, tendo cumprido tudo que propusera realizar antes de reencarnar.

Através de Schliemann, Homero voltou a viver.